

Alfabetização no ensino remoto: um estudo de caso em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro em tempos de pandemia da COVID-19

Ana Victoria Gomes

RESUMO

O presente artigo busca analisar o processo de alfabetização de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro durante o ensino remoto realizado em função da pandemia da COVID-19 nos anos de 2020 e 2021. A metodologia utilizada contou com um questionário respondido por quase 80% dos responsáveis pelos alunos da turma e com uma entrevista com uma das mães. Nesses instrumentos de pesquisa, os responsáveis puderam expressar suas percepções acerca dos problemas enfrentados pelos alunos em seu processo de alfabetização na modalidade remota a partir dos recursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME). Os relatos coletados foram cotejados às habilidades a serem desenvolvidas constantes no documento curricular produzido pela SME e que orienta as práticas pedagógicas, intitulado Currículo Carioca.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino Remoto. Ensino Fundamental. Currículo Carioca. Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

1. Introdução

No ano de 2020 o mundo presenciou o início de uma nova pandemia, a pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, causador da COVID-19. Em março do ano de 2020 a doença começou a avançar no Brasil¹. Governos de estados e municípios começaram a adotar medidas de prevenção à disseminação da doença com base no distanciamento social. Dessa forma, escolas públicas e particulares foram fechadas. Como forma de dar continuidade à educação formal garantida constitucionalmente no contexto do distanciamento social, foram desenvolvidas estratégias de ensino remoto com a utilização de plataformas digitais.

No caso do município do Rio de Janeiro, foco da nossa pesquisa, a plataforma comunicacional *Microsoft Teams* foi o primeiro recurso digital implementado pela Secretaria Municipal de Educação (SME) para o ensino remoto no ano de 2020, disponibilizada para alunos e professores. A implementação do recurso veio acompanhada de grandes dificuldades de acesso à internet por parte dos alunos da rede pública de educação carioca, o que

¹ Segundo a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) o primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi registrado em fevereiro de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em 18/07/2021.

evidenciou de forma bastante contundente a persistência das desigualdades em nossa sociedade, sob vários aspectos, ainda mais acentuadas no cenário da pandemia e seus efeitos econômicos e sociais².

No ano de 2021 a SME criou um aplicativo denominado Rioeduca em casa. Esse aplicativo dá acesso às aulas dos professores com suas turmas, permitindo sua interação no ambiente virtual, além de múltiplos conteúdos digitais, inclusive ao material didático produzido pela própria SME, o Material Rioeduca. O aplicativo tem a vantagem de não consumir os pacotes de internet dos alunos e professores da rede, portanto é um recurso digital sem custos. Cabe destacar que no ano de 2021 o retorno ao ensino presencial de forma híbrida, com rodízio de alunos nas turmas, começou a ser implementado, prática que não dispensou o ensino remoto. Materiais didáticos físicos, ou seja, livros e apostilas, estiveram disponíveis aos alunos nos anos de 2020 e 2021.

Foi pensando nessas questões que esse artigo foi desenvolvido. A pesquisa foi realizada em 2021 em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do bairro de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Esse mesmo grupo de alunos cursava o 2º ano em 2020, quando o distanciamento social teve início e foram afastados da sala de aula, da convivência com professores, colegas de turma e demais profissionais da escola.

Um questionário foi aplicado aos responsáveis dos alunos da turma que participou da pesquisa. Nesse instrumento, os responsáveis puderam expressar limites, problemas e êxitos desse processo de alfabetização atípico, longe do chão da escola, realizado à distância e com adaptações curriculares³. Responsáveis e alguns alunos foram entrevistados e mostraram, do seu ponto de vista, o que essas mudanças trouxeram para eles. Portanto, a pesquisa visa uma reflexão a partir da escuta e da perspectiva daqueles que estão fora da escola e são sujeitos ativos de todo o processo educacional.

² Professores de todo o Brasil, relataram dificuldades de acesso por parte de seus alunos da rede pública nas iniciativas dos estados e municípios em promover um ensino remoto. No caso do município do Rio de Janeiro ver a matéria disponível em <https://conexaoplaneta.com.br/blog/professor-da-rede-publica-fala-dos-desafios-do-ensino-virtual-durante-a-pandemia/>. Acesso em 18/07/2021.

³ O documento curricular produzido pela SME em coadunação à BNCC chama-se Currículo Carioca. Face a pandemia e ao distanciamento social, houve uma reorganização curricular para que as principais habilidades fossem desenvolvidas ao longo de 2020.

2. Embasamento Teórico

Este artigo foi desenvolvido e baseado, principalmente, nos pensamentos de Paulo Freire sobre alfabetização. As ideias de Fernando Seffner, também vão ao encontro das reflexões aqui propostas. Ao abordar os termos “aprender” e “memorizar”, Seffner (2018) consegue se aproximar com o que está acontecendo no momento, com os alunos fora da escola. Alinhados aos pensamentos pedagógicos e de alfabetização de Freire, podemos pensar o quão esse ambiente criado fora da escola, às pressas, na emergência de uma pandemia, tornou-se precário para o desenvolvimento do aluno que está em fase de alfabetização.

De acordo com Paulo Freire, “o professor não deve ser apenas um transmissor do conhecimento, ele deve buscar através do diálogo o que os alunos trazem consigo em sua bagagem social e cultural” (FREIRE, 1997, p.99). Faz-se necessário refletir sobre o diálogo estabelecido nesse momento com os alunos das escolas públicas da rede municipal do Rio de Janeiro, por vezes viabilizado por redes sociais como o *Facebook* ou aplicativos de mensagens como o *WhatsApp*.

Nesses meios há uma grande limitação em atender 23 alunos, dialogar de fato e tirar as suas dúvidas sobre o que está sendo estudado. Além disso, não há uma troca de experiências entre os elementos da comunidade escolar, as coisas são feitas como podem ser, como o professor consegue fazer, inviabilizando a perspectiva de Souza (2015), “na escola, a educação acontece de forma coletiva, sempre tendo como sujeito principal o aluno, a comunidade e a família” (SOUZA, 2015). Como comunidade, nos referimos, não só a comunidade escolar, mas as pessoas envolvidas, a rua, o ambiente em que o aluno vive e assim, aplicado na escola, acontecem formas de aprendizagem.

Portanto, mesmo para aqueles alunos que possuem acesso à Internet, o diálogo e as trocas necessárias são bastante precários. A precarização das trocas e diálogos torna-se ainda mais acentuada com os alunos que não tem nenhum acesso à Internet e precisam fazer uso apenas do material físico, oferecido pela escola, como material base para todos os alunos. Assim caímos no dilema apontado por Seffner (2018): aprender X memorizar. Precisamos entender que “memorizar, tem importância no momento de aprender, porém o aprender é algo muito mais elevado do que memorizar” (SEFFNER, 2018, p.).

O que Seffner quer sugerir ao dizer isso é que, memorizar, quando se está aprendendo, é importante. Mas a memória nos foge da cabeça, diferente de quando se aprende algo. Os alunos que mal têm a oportunidade de tirar suas dúvidas devido a falta de Internet, na ausência de uma sala de aula, está fadado a memorizar o que lhe está sendo oferecido nos

livros didáticos e nos materiais desenvolvidos pela SME. Dessa forma, tende a aplicar o que memorizou, mas não aprendeu, durante esse período caótico, nas avaliações que lhe forem aplicadas.

3. Metodologia

Foi aplicado um questionário com 15 perguntas de múltipla escolha, baseado nas relações de acesso à internet pelos alunos, no acesso às aulas com os professores da turma e ao aplicativo Rioeduca em casa. Também procuramos investigar através do questionário se, na avaliação dos responsáveis, houve um bom desenvolvimento da alfabetização dos alunos da turma onde foi realizada a pesquisa, apesar da distância da sala de aula.

De forma sucinta e de fácil compreensão para os responsáveis, também foram feitas perguntas que remetessem à Reorganização Curricular, proposta realizada pelo governo do Município do Rio de Janeiro, no sentido de trabalhar 2 anos em 1, ou seja, dedicar o primeiro semestre de 2021 para revisar e desenvolver habilidades da série anterior.

Além do questionário, também conversamos com alguns alunos e mães, que quiseram falar presencialmente e dar seu depoimento. Dessas conversas, observamos relatos no sentido de que a Reorganização Curricular se mostrou insatisfatória. Segundo esses depoimentos, o material Rioeduca em casa, por vezes, simplesmente repetiu na íntegra alguns exercícios que já constavam no material do ano de 2020.

Foram incorporadas à pesquisa as conversas e entrevistas com mães e alunos, que quiseram falar e terem suas vozes gravadas para servir de depoimentos para este artigo. Analisamos o material produzido pela SME para o 2º ano do Ensino Fundamental do ano de 2020 e o do 3º ano do Ensino Fundamental do ano de 2021. Além disso, assistimos algumas aulas pela plataforma Rioeduca em casa, com permissão dessas mães e alunos.

O embasamento teórico, juntamente com os dados que foram colhidos, nos permitiram apresentar uma análise que será apresentada à seguir, comparadas às respostas que nos foram dadas à pesquisa aqui já citada.

4. Análise e Discussão dos Dados

A pesquisa foi realizada em uma escola de um bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Bairro de Campo Grande. Esse bairro apresenta grande diversidade, é muito

Revista Tecnologias na Educação – Ano 13 – Número/Vol.36 – Edição Temática XVII - Fórum Práxis Educativas e Chão da Escola - tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

extenso e o mais populoso do município do Rio de Janeiro. Economicamente falando, trata-se de um local muito misto, com áreas rurais, grandes posses de famílias ricas, grandes condomínios fechados e de luxo. Mas também condomínios habitacionais de programas governamentais e comunidades. Além disso, a escola municipal que serviu como base para a pesquisa, localiza-se em uma área de classe média do bairro.

De uma turma com 23 alunos, conseguimos aplicar o questionário à 18 responsáveis, ou seja 78,26% dos responsáveis. Primeiramente, na pesquisa, gostaríamos de saber com quem estávamos falando “mãe”, “pai” ou “outros”. Dos responsáveis que responderam, 72,2% eram mães, houve um empate de 11,1% de tias e avós e 5,6% era um irmão mais velho. Perguntamos também o nível de escolaridade do responsável, afinal, posteriormente na pesquisa, perguntávamos se o responsável chegou a ajudar o aluno com o processo de alfabetização.

Tivemos 27,8%, dos responsáveis, com ensino médio completo, 22,2% com ensino médio incompleto, empate de 16,7% de responsáveis com ensino técnico e apenas o ensino fundamental completo. Apenas 11,1% tinha o ensino superior incompleto, 5,6% tinham o fundamental incompleto e nenhum dos responsáveis responderam ter o ensino superior completo. Mas todos os responsáveis responderam “sim” à pergunta: “Em algum momento, você teve que dedicar horas do seu dia para ajudar na alfabetização da sua criança, pois a Plataforma Rio Educa e as aulas à distância não estavam dando conta?”

A maioria dos alunos tinha, ao menos, 2 irmãos. A maioria tinha acesso à Internet em casa, mesmo que fossem dados móveis; 61,1% disseram que tinham conexão Wi-fi, 22,2% disseram que tinham dados móveis e 16,7%, não sabia qual era a conexão. Mas a questão dos dados móveis, se mostrou ser muito complicada. Por não terem Internet em casa, alguns alunos precisavam esperar seus pais chegarem em casa para que pudessem ter acesso à Internet, pois apenas 16,7% dos alunos, possuíam aparelho próprio com Internet para acessar a Plataforma Rioeduca em casa e seus conteúdos.

Os demais, 83,3%, precisavam compartilhar o aparelho com algum familiar. Eis a resposta de uma das mães que respondeu à pesquisa quando a pergunta foi “O que você, responsável, acha do atual ensino remoto que é oferecido a sua criança?": Péssimo, porque meu filho quase não tem acesso, a moça teve que vir aqui me fazer até esse questionário porque não temos Internet em casa. E o celular pra estudar, é do pai deles, quando ele chega em casa, com a Internet do celular mesmo.

Apenas 2 responsáveis responderam sim quando perguntados se “No acesso a plataforma, o aluno, tem fácil interação com o(a) professor(a)?”. Os outros 88,9% dos responsáveis, responderam que “não”. Da mesma forma que à pergunta “Que nota você dá para a Plataforma Rio Educa de 0 a 5?”, nenhum responsável respondeu “5”, sendo 1 e 2, os mais votados, respectivamente com 33,3% e 27,8%. Perguntamos também se “Agora que está no 3º ano do Ensino Fundamental, qual o nível de alfabetização da sua criança?”, 66,7% dos responsáveis responderam que suas crianças estão regulares. 22,2% responderam que estão ruins e apenas 11,1% respondeu que sua criança está com um bom nível de alfabetização.

Tivemos um resultado semelhante com a pergunta “Os trabalhos passados pelo(a) professor(a), sua criança consegue compreender bem ou tem dificuldade de fazer a lição?”, em quase um empate, 55,6% dos responsáveis disseram que os alunos têm dificuldade e 44,4%, disseram quem os alunos entendem bem. Sobre as tiragens de dúvidas, descobrimos que a plataforma Rioeduca em casa, não deu conta, mas que a atual professora da turma, se esforça para tirar o máximo de dúvidas possíveis.

Eis a resposta de uma das mães sobre a pergunta “Quando a sua criança estava no 2º ano do Ensino Fundamental, 2020, ano em que se iniciou a pandemia de Covid-19, ele teve um bom desempenho escolar? (Bom acesso a Plataforma Rio Educa, fácil acesso a professora, a explicações e a tiragem de dúvidas), e com a defasagem escolar por conta da pandemia, seu filho, conseguiu compreender os conteúdos propostos pelos professores?”: Ficamos um tempo sem saber como acessava a plataforma, mas depois, eles conseguiram começar a fazer suas coisas. Esse ano está melhor, não a plataforma, mas a professora é bem dedicada, manda mais trabalhos por zap, gosto disso. A professora do meu filho menor, as outras não passam muita coisa não. Mas a do que está no 3º ano, tenta dar uma ajuda.

Percebemos as dificuldades na interação entre alunos e professores por meio da plataforma Rioeduca em casa quando perguntamos se “Na interação a distância com o(a) professor(a), sua criança consegue tirar suas possíveis dúvidas?”, 94,4% responderam que “sim, pelo *WhatsApp*” e os outros 5,6% responderam simplesmente “não”. Mesmo havendo, na pergunta, uma opção “Sim, pela plataforma Rioeduca”. Pode-se também concluir que alguns professores por esforço próprio procuram se fazer presente no processo educativo de seus alunos.

Além dessa pesquisa aplicada, que estará disponível nas referências, também entrevistamos uma mãe, que nos permitiu a gravação de áudio. Devido ao limite desse artigo,

não será possível transcrever tudo o que foi dito por ela, mas serei sucinta no assunto e no foco abordado por ela. A mãe entrevistada tem 34 anos, possui três filhos. Seu filho de 8 anos e está também nesta turma em que a pesquisa foi aplicada. Mesmo sem saber sobre a reorganização Curricular, a mãe criticou o material recebido, dizendo que o considerava inferior ao do ano anterior, 2020.

A responsável também criticou a demora no recebimento do material e a repetição de exercícios e páginas inteiras. De fato, quando comparados, o de 2020 e 2021, as primeiras páginas de ambos os livros têm uma sequência, intercalada com novas páginas e quase 30 páginas de exercícios repetidos. O próprio aluno que usou os livros, identificou a repetição de assuntos e de páginas, dizendo que queria exercícios novos, pois aqueles ele já sabia a resposta, estava no livro anterior.

5. Conclusões e/ou Propostas.

A pesquisa realizada indicou que a plataforma educacional que a rede municipal se propôs a criar, não foi o suficiente para lidar com as necessidades dos alunos. Em muitos casos, os responsáveis se sentiam responsabilizados quase que totalmente pela alfabetização de suas crianças, ao mesmo tempo que se sentiam despreparados para tal tarefa. A relação aluno e professor na perspectiva de Freire e aqui abordada brevemente, ficou inviabilizada no ensino remoto proporcionado.

O material de apoio escolar disponibilizado pelo governo municipal mostrou-se insatisfatório na perspectiva dos responsáveis que participaram da pesquisa. Entendemos que a proposta da Reorganização Curricular era retornar aos assuntos do ano anterior, visando os alunos não tiveram chance de aprender e desenvolver as habilidades previstas. Mas ainda assim, uma criança de 8 anos, conseguiu perceber que apenas repetir exercícios, não foi uma boa forma de abordar novamente os assuntos. Ao repetir mecanicamente páginas colocadas numa sequência, priorizou-se apenas a memorização e não o aprendizado, conforme as formulações de Fernando Seffner.

A pesquisa também demonstrou que o êxito em relação à alfabetização atribuído aos alunos pelos responsáveis entrevistados, tendo em vista que a maioria considerou regular o nível de alfabetização de suas crianças, não foi atribuído aos esforços governamentais. Foram destacados os esforços individuais, de pais, responsáveis e professores, protagonistas de todo

o processo, aflitos com a educação à distância e preocupados em garantir aos seus filhos e alunos o direito à educação que a Constituição brasileira estabelece.

6. Referências Bibliográficas

ENSINO À DISTÂNCIA 2020/21. Google formulário, 2021. Disponível em: <<https://forms.gle/qi9mdEmnUrKuDt678>>. Acesso em: 14 de jul. De 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**, Rio de Janeiro: Editora Cortez. Dezembro 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, 75ª Edição, Editora Paz e Terra. 4 de novembro de 2019.

GOMES, Ana Victoria. **Entrevista com a Mãe Valeria de Souza**. Google Drive, 2021. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14TReTR4qyL3yqeryJGyg28I35LUA188c/view?usp=drivesdk>>. Acesso em 17 de jul. De 2021.

_____. **ENSINO À DISTÂNCIA 2020/21**. Google Drive, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/14XXaNfy1wPf8_n1kR65BhAO4cLkdqetQ/view?usp=drive_sdk>. Acesso em: 14 de jul. De 2021.

SEFFNER, Fernando. Aprender a Ensinar: Como jogar com isso?. In: GIACOMONI; PEREIRA, Marcelo Paniz; Nilton Mullet. **Jogos e Ensino de História**. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2018.p. 19 – 34.

SOUZA, Luiza de Fátima. **Práticas Pedagógicas e Metodologias de Paulo Freire**, Minas Gerais, 2015.

Recebido em Outubro 2021

Aprovado em Novembro 2021